

## (Des)arquivando ideias

### *Unfiling ideas*

Leandro Garcia Rodrigues<sup>1</sup>

#### **Resumo:**

Cada vez mais os estudos sobre arquivos pessoais, particularmente os arquivos de escritores, ganham mais força e corpo sistemático nos estudos literários brasileiros. De natureza polimórfica e polissêmica, o arquivo é sempre atravessado por diferentes materialidades que o constituem, obrigando-nos a produzir investigações marcadas pela diversidade e pela interdisciplinaridade. Este artigo, misto de relato pessoal, quer contribuir para (re)pensarmos o lugar do arquivo e de suas dinâmicas constitutivas nos atuais estudos sobre literatura, memória e autoria. Para tal, vou relembrar e problematizar a minha primeira experiência na pesquisa arquivística, ainda como aluno de pós-graduação; num segundo momento, já como professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Quero fazer memória do meu período na direção do Acervo dos Escritores Mineiros daquela universidade, relembrando dos problemas e dos avanços conquistados.

**Palavras-chave:** arquivo; autoria; memória; documentação, manuscrito.

#### **Abstract:**

In the last years, studies on personal archives, particularly writers' archives, gain more strength and systematic body in Brazilian literary studies. Formed by a polymorphic and polysemic nature, the archive is always crossed by different materialities that constitute it, forcing us to produce investigations marked by diversity and interdisciplinarity. This article, mixed within a personal account, aims to contribute to (re)thinking the place of the archive and its constitutive dynamics in current studies on literature, memory and authorship. Eager for this aim, I will recall and problematize my first experience in archival research, still as an undergraduate student; in a second moment, as a professor at UFMG, I want to remember my period in the direction of the Acervo dos Escritores Mineiros at that university, remembering the problems and advances made.

**Keywords:** archive; authorship; memory; documentation, manuscript.

---

<sup>1</sup> ORCID: 0000-0002- 7316-890x. Doutor em Estudos Literários pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, com estágio pós-doutoral na mesma PUC-Rio (em Estudos Literários) e na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (em Teologia Sistemática). Professor adjunto de Teoria Literária e Literatura Comparada na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, atuando nos ensinamentos de graduação e pós-graduação. Especialista em estudos sobre arquivos literários, epistolografia e na obra de Alceu Amoroso Lima. E-mail de contato: prof.leandrogarcia@hotmail.com.

## 1 Introdução

Ao contrário do que muita gente pensa, o trabalho arquivístico não é estático, lento e passivo. Cada vez mais, estou convencido de que o arquivo – no meu caso particular – o arquivo literário, é uma potência em constante trânsito. Afirmo isso após 20 anos de pesquisa em acervos documentais, os mais diversos e múltiplos em constituição de conteúdos, num sintomático cruzamento de saberes e linhas de força.

Para tal, como é pedido para este *dossiê*, falarei um pouco, de forma bem impressionista, como cheguei ao universo do arquivo literário, no Arquivo Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa. Num segundo momento, lembrarei de questões, problemas e soluções vividos nos meus quatro anos na direção do Acervo dos Escritores Mineiros da Universidade Federal de Minas Gerais (AEM-UFGM), uma experiência de imensa riqueza teórica e metodológica, que pode servir de estímulo (ou não!) para outros pesquisadores.

Enfim, como sempre afirmo, o arquivo é lugar de partilhas e aprendizados, de avanços e, em alguns casos, até de certo retrocesso – às vezes um passo para trás no sentido de poder avançar muitos outros.

## 2 No Arquivo Museu de Literatura Brasileira

O ano era 2001.

Eu estava iniciando o meu curso de mestrado em Literatura Brasileira, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Das três disciplinas matriculadas, uma despertou-me atenção e interesse que duram até hoje: Arquivos de Escritores na Literatura Brasileira, ministrada pela professora e amiga Marília Rother Cardoso. Naquela época, Marília estava pesquisando o acervo de Pedro Nava, salvaguardado no Arquivo Museu de Literatura Brasileira (AMLB) da Fundação Casa de Rui Barbosa. Após algumas aulas teóricas na Universidade, a mestra propôs que fizéssemos visitas técnicas ao AMLB, para vermos *in lócus* o que ela estava processando. Foi a primeira vez que entrei num grande centro de pesquisas, pois preciso lembrar que fiz uma graduação em Letras assaz deficitária, numa instituição privada noturna, que não era direcionada à pesquisa. Então iniciar um mestrado na PUC-Rio e mais: conhecer a Fundação e o seu imenso centro de documentação foi das experiências mais gratificantes naquele momento.

É difícil, nas Ciências Humanas, em determinadas realidades, a união entre teoria e prática, uma vez que nossos estudos são mais de natureza teórica, domiciliar, muitas vezes no Memória e Informação, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p.1-11, jul./dez., 2022

aconchego da solidão. Ou seja, a ida ao arquivo desloca e destrona a experiência de estudo individual que é comum na nossa área, provocando aquilo que Reinaldo Marques denunciou no seu ensaio “Arquivos literários, entre o público e o privado”:

Arrefecidos hoje aqueles princípios e métodos por uma tradição crítica de cunho tanto pós-estruturalista quanto da perspectiva dos estudos culturais, o pesquisador da literatura viu-se desinstalado do aconchego do escritório ou da biblioteca e projetado para as margens da obra literária, território ambivalente em que a obra se desdobra e o texto se mescla com outras linguagens, abrindo-se ao rumor da cultura, da história. Em suas operações de decodificação, importa agora um olhar teórico-crítico móvel, capaz de desarmar certas dicotomias da abordagem textual – dentro/fora, imanente/transcendente, sintagmático/paradigmático, objetivo/subjetivo. [...] De sorte que já não basta um exame restrito às engrenagens textuais, aos procedimentos de linguagem, cabendo ampliá-lo até as dimensões pragmáticas e históricas da produção textual literária e cultural, estendê-lo aos inumeráveis começos da literatura, com o leitor abrindo o livro, com a cena inaugural da escritura rastreada em seus pré-textos, prototextos, paratextos, ou ancorada num sociotexto (MARQUES, 2016, p. 95).

Foi isso: o trabalho de investigação nas inúmeras idas ao AMLB desarmou-me e desestabilizou-me profundamente, ainda mais vendo Mário de Andrade se materializando – ali na minha frente – em forma de cartas, fotografias, bilhetes e cartões postais enviados a Pedro Nava e a tantos outros interlocutores.

Sim, pois o arquivo materializa mortos e vivos, formata o registro pessoal e profissional dos seus titulares e revive experiências que ajudam a compreender e até mesmo redimensionar os cânones da crítica e da historiografia literárias. Em poucas palavras, o arquivo não “prova” nada, mas desestabiliza e problematiza, o que pessoalmente acho muito mais rico de se imaginar e praticar.

Haveria um “feitiço dos arquivos”?

Creio que sim, pois somos impelidos a buscar e descobrir cada vez mais nestes fundos documentais, praticando uma espécie de *voyeurismo* investigativo às vezes até sintomático: o pesquisador pensa 24h no seu objeto investigado, levantando mil possibilidades e elucubrações ao seu respeito. Ou seja: seu objeto investigativo invade a sua vida e toma conta dos seus objetivos.

Neste momento, uma outra rede textual me foi apresentada: a *marginalia* do escritor: anotações pessoais, recortes, notas de rodapé manuscritas em originais, fotografias comentadas,

riscos, asteriscos, colagens e bricolagens, lembretes etc<sup>2</sup>. Assim, começou a ficar claro o que Eneida Maria de Souza e Wander Mello Miranda afirmaram:

É também digno de nota o material paraliterário existente nos acervos do escritor, como a correspondência entre colegas, depoimentos, material iconográfico, entrevistas, documentos de natureza privada, assim como sua biblioteca e seus objetos pessoais. Um esboço de biografia intelectual emana desses papéis ao serem incorporados ao texto em processo à cronologia do escritor, o encarte de fotos, a reprodução de documentos relativos à sua experiência literária. [...] O destino material e analítico desse acervo literário passou a ser uma das maiores metas da crítica filológica e genética, no sentido de se considerar a obra não mais como objeto fechado e sem possibilidades de retoques, mas sujeita a modificações e transformações interpretativas (SOUZA; MIRANDA, 2003, p. 12).

Lembro-me, especialmente, desta problemática acerca de *marginalia* em relação ao acervo de Pedro Nava, que tinha uma verdadeira obsessão em anotar, comentar, rabiscar e bricolar tudo em seus originais. E como aluno, aproveitava a larga experiência da professora Marília Rothier que nos orientava neste mundo que se abria em novidades e novas textualidades.

Impressionou-me imensamente ler as cartas de Mário de Andrade enviadas a Manuel Bandeira. Lembro-me que esta correspondência fora recentemente organizada e publicada por Marcos Antônio Moraes, querido amigo e professor do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, abrindo a Coleção Correspondência Mário de Andrade daquele Instituto<sup>3</sup>. Estava lendo o volume editado quando me deparei com estes originais de Mário a Bandeira, o que me provocou imensa emoção na comparação do livro com os manuscritos e datiloscritos do polígrafo paulista.

Na verdade, o arquivo possibilita novas formas e caminhos de se ler o cânone literário e historiográfico estabelecido numa perspectiva assaz polissêmica, desterritorializada e sempre multicultural. Isto é, diferentes vozes e forças se entrecruzam numa sintomática rede de sistemas e signos. Assim, acessar esses acervos pessoais é sempre deparar-se e até surpreender-se com um universo de documentos, livros e as mais diversas formas textuais que, com o

---

<sup>2</sup> Comentando a *marginalia* no arquivo e, principalmente, na biblioteca de Mário de Andrade, Telê Ancona Lopez faz uma interessante conclusão acerca deste “outro lado” da produção do autor de *Macunaima*: “O livro anotado ganha dupla feição, novo significado. Ao discurso do autor que o escreveu, sobrepõe-se o do leitor, o qual, no caso de Mário, desdobra-se em um segundo trabalho de autoria, dentro da tipologia da *marginalia* sua. O livro anotado é tecido histórico onde convivem sucessivos momentos do passado, pistas do estudo, da crítica, da criação literária e até de dados biográficos. Às anotações reveladoras de um processo de estudo, caracterizadas pelo destaque de um tópico, pela síntese, pela simples indicação, justapõem-se, às vezes em um mesmo livro, trechos com traços à margem ou sublinhados. (LOPEZ, 1991, p. 434).

<sup>3</sup> Anos depois, em 2018, eu publiquei – nesta mesma coleção – a correspondência inédita e completa ente Mário de Andrade e Alceu Amoroso Lima, numa coedição entre a EDUSP e a PUC-Rio.

trabalho metódico e crítico do pesquisador, vai ganhando formas e produzindo novos saberes e forçando – necessariamente – uma constante revisão do cânon da nossa literatura.

Tudo isso foi descortinado – de forma muito precisa e pontual – no início dos anos 2000, ao longo do meu curso de mestrado, na PUC-Rio, quando conheci e passei a frequentar o Arquivo Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa: um espaço de amizades e de saberes que se interligam a todo momento, a cada pesquisa que realizo naquele ambiente.

Desde então, inúmeras foram as idas ao AMLB que não consigo enumerar aqui, mas que testemunham muito da minha própria produção intelectual, dos meus interesses pessoais em relação aos acervos e aos seus titulares. Mas preciso relatar outras histórias sobre arquivos...

### 3 No Acervo dos Escritores Mineiros

Em 2015, fui aprovado em concurso público de provas e títulos para o cargo de professor de Teoria Literária e Literatura Comparada na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (FALE-UFMG).

Logo após a posse, fui convidado pelos professores Reinaldo Marques, Wander Mello Miranda e Eneida Maria de Souza para conhecer o Acervo dos Escritores Mineiros (AEM), que pertence ao Centro de Estudos Literários da FALE-UFMG, sediado no prédio da Biblioteca Central da Universidade. Confesso que tive um impacto, pois o projeto artístico do Acervo conjuga harmonicamente as dimensões de arquivo, biblioteca e museu. Ou seja, cada titular dos seus principais fundos possui ali aberto ao público o seu arquivo, sua biblioteca e o seu escritório pessoal, recomposto de forma museológica<sup>4</sup>.

Entretanto, o meu momento pessoal era outro bem diferente do relatado anteriormente: 15 anos passados, toda uma pós-graduação em Estudos Literários concluída com louvor e uma larga experiência em pesquisar arquivos pessoais, especialmente o de Alceu Amoroso Lima, meu principal objeto de investigação ao longo da vida acadêmica<sup>5</sup>. Agora, ressoava forte no

---

<sup>4</sup> No *Youtube*, encontram-se importantes filmes (documentários) que abordam a história do Acervo dos Escritores Mineiros da UFMG. Assim, recomendo “Começos”, disponível no *link*: <https://www.youtube.com/watch?v=aIPf44mGVoY>; outra boa opção é o filme, em forma de anúncio, disponível neste link: <https://www.youtube.com/watch?v=k6r6blveP9k>.

<sup>5</sup> Minha pesquisa em torno da obra, do legado, do arquivo e da epistolografia de Alceu Amoroso Lima teve início em 2005, quando estava decidindo o tema da minha tese doutoral, defendida na PUC-Rio, em 2009. Nestes quase 20 anos de investigação em torno dos estudos amorosianos, publiquei inúmeros artigos acadêmicos e os seguintes livros: *Alceu Amoroso Lima: cultura, religião e vida literária* (EDUSP, 2012), *Alceu Amoroso Lima – Essencial* (ABL/Imprensa Oficial de SP, 2014), *Correspondência Carlos Drummond de Andrade e Alceu Amoroso Lima* (UFMG, 2014), *Cartas de Esperança em Tempos de Ditadura – Frei Betto e Leonardo Boff escrevem a Alceu Amoroso Lima* (Vozes, 2016), *Correspondência Mário de Andrade e Alceu Amoroso Lima* (EDUSP/PUC-Rio,

meu imaginário o que afirmou Michel Foucault, n'*A arqueologia do saber*, a respeito dos arquivos:

Longe de ser o que unifica tudo o que foi dito no grande murmúrio confuso de um discurso, longe de ser o que nos assegura existir no meio do discurso mantido, é o que diferencia os discursos em sua existência múltipla e os especifica em sua duração própria. [Assim, o arquivo] é a borda do tempo que envolve nosso presente, que o domina e que o indica em sua alteridade. Ele estabelece que somos diferença, que nossa razão é a diferença dos discursos, nossa história a diferença dos tempos, nosso eu a diferença das máscaras (FOUCAULT, 1987, p. 161).

Esta sensação sentia-a bem forte quando me deparei com aquele universo de documentos e objetos museográficos que compõem o Acervo dos Escritores Mineiros, formando uma complexa teia de textualidades com diferentes camadas entre si.

Iniciado em 1989, com a doação dos fundos que pertenceram à escritora mineira Henriqueta Lisboa, o AEM se constitui como um importante espaço de investigação científica em torno de livros, documentos e objetos pessoais. Além de Henriqueta Lisboa, também temos os acervos de Murilo Rubião, Fernando Sabino, Abgar Renault, Oswaldo França Júnior, Wander Piroli, Cyro dos Anjos, Octávio Dias Leite, Autran Dourado, Affonso Ávila, Laís Correa de Araújo, Sábado Magaldi, Frei Betto, Lúcia Machado de Almeida, Antônio Barreto, Fábio Lucas e Adão Ventura. Há também as coleções especiais que não configuram a tríade arquivo-biblioteca-museu, comum aos titulares enumerados anteriormente, são elas: Achilles Vivacqua, Alexandre Eulálio, Ana Hatherly, Aníbal Machado, Carolina Maria de Jesus, Eugênio Rubião, Genevieve Naylor, Graciliano Ramos, José Maria Cançado, José Oswaldo de Araújo, Leopoldo da Silva Pereira e Valmiki Vilela Guimarães.

Por essa constelação de nomes, rapidamente se percebe a grandeza desta instituição e sua complexidade, pois desde a sua fundação, o AEM se constitui um espaço múltiplo entre arquivo, biblioteca e museu; e creio ser esta a sua principal riqueza constitutiva, proporcionando investigações interdisciplinares e múltiplas.

Numa das suas assembleias, no começo de 2016, fui eleito vice-diretor do Acervo, dirigindo o mesmo com o Prof. Marcelino Rodrigues da Silva, diretor geral. Desde então, os desafios se mostraram claros: o AEM precisava de mais espaço físico para crescer e receber novos fundos. Como já dito, o mesmo está instalado num dos andares do prédio da Biblioteca

---

2018) e *Jorge de Lima & Alceu Amoroso Lima – correspondência* (Ed. Francisco Alceu/EdUNEAL, 2022). A edição da correspondência entre Alceu Amoroso Lima e Murilo Mendes se encontra no prelo, com previsão de publicação para o próximo ano de 2023.

Central da UFMG, um espaço que foi adaptado, no início dos anos 2000, em um belo projeto coordenado pelo seu então diretor, o prof. Wander Mello Miranda.

Após muita insistência com as instâncias superiores, conseguimos uma ampla sala, no mesmo prédio, e lá colocamos os acervos dos escritores Afonso Ávila e Laís Corrêa de Araújo, recém-chegados em 2015. Mas ainda não era suficiente, pois uma das características do arquivo é o fluxo contínuo, a constante chegada de mais documentos através de doações e novas incorporações; então o arquivo cresce, espalha-se e precisa de novos espaços. Isto sem dizer que, neste movimento de doação e incorporação, muito material heterodoxo vem junto, obrigando as instituições a pensarem e praticarem uma necessária política de descarte, pois nem tudo que é doado e/ou incorporado desperta interesse à pesquisa.

Na verdade, essa questão do descarte é algo sempre espinhoso, complicado de se lidar e de se resolver quando estamos em posição de gestores de espaços como o AEM e tantos outros de igual natureza, pois é comum a vinda de papéis e objetos que a família quer se livrar, então aproveita o ensejo da doação e – literalmente – se livra. Vi e vivi tal situação em diferentes momentos, e não foi nada fácil, pois decidir o que descartar e criar critérios para este descarte é tarefa complexa e árdua, pois podemos atingir os melindres dos doadores<sup>6</sup>.

Em 2018, com o fim do mandato do Prof. Marcelino Rodrigues da Silva, uma nova assembleia foi convocada pelo seu conselho de pesquisadores para eleger uma nova diretoria. Para a minha surpresa, fui eleito diretor, tendo a professora Elen de Medeiros como a minha vice-diretora.

Logo nos primeiros momentos, sentimos a necessidade de apresentar e divulgar ainda mais o Acervo dos Escritores Mineiros não apenas à comunidade universitária, mas também ao público externo à UFMG. Como uma das nossas estratégias, solicitei estagiários da área de Comunicação e Jornalismo, os quais atuaram na criação e alimentação de vários perfis do AEM em *sites*, *blogs* e diferentes redes sociais. Não imaginávamos que tal ação daria tão certo, e que continua dando, pois atualmente as publicações virtuais do AEM somam mais de 10 mil visualizações!

---

<sup>6</sup> Aqui é importante não confundirmos com o conceito de “lixo literário” cunhado por Marília Rothier Cardoso, desenvolvido no seu ensaio “Reciclando o lixo literário: os arquivos de escritores”, do qual destaco a sua diferenciação que concordo e admito: “A preservação de documentos de construção do texto literário – anotações, esquemas, rascunhos, manuscritos rasurados – constitui a base dos acervos arquivísticos de escritores, que incluem também a correspondência, eventuais diários e outros documentos pessoais. O estudo desses acervos, que combina os procedimentos historiográficos de pesquisa em arquivos pessoais à descrição interpretativa do processo de criação textual – conforme os parâmetros da chamada ‘crítica genética’ – corresponde a uma das atividades intelectuais mais susceptíveis de etnocentrismo” (CARDOSO, 2001, p. 69).

Outra ideia que tive foi criar uma série de eventos (entrevistas e debates) que chamei de “Encontro Marcado”, numa clara alusão ao romance homônimo de Fernando Sabino, um dos titulares em nossa Instituição. Em convênio com o Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da nossa Faculdade de Letras, tais encontros eram mensais, sempre com um representante da literatura brasileira contemporânea e aconteciam nas dependências do Acervo, na parte do nosso museu.

Foi interessante ver o museu ocupado por bancos e cadeiras, não raro com muitos alunos sentados e espalhados pelo chão, ocupando o espaço que é museu e arquivo, mas que também é de produção e partilha de conhecimentos. Dentre os tantos convidados, lembro que recebemos Milton Hatoum, Luiz Ruffato, Paulo Henriques Brito, Maria Esther Maciel, Ana Martins Marques, Marília Garcia, Ana Elisa Ribeiro, Júlio Castañon Guimarães, Ricardo Aleixo, Antônio Barreto e tantos outros. Tais encontros foram gravados e transformados em documentários, sendo postados em nossas redes sociais, horizontalizando o acesso a este precioso repositório de dados e teorias acerca da literatura brasileira contemporânea.

Os anos à frente do Acervo dos Escritores Mineiros me aproximaram dos fundos e das coleções ali salvaguardados, e fui conhecendo bem os seus titulares e todo o material que eles arquivaram ao longo de suas vidas. Assim, pude ver o complicado processo de desterritorialização de acervos que nos chegaram durante a minha gestão: Autran Dourado, Sábato Magaldi, Afonso Ávila e Laís Corrêa de Araújo. Após a logística da mudança de seus antigos endereços até chegar ao nosso Acervo, pude testemunhar também o momento de reterritorialização desses mesmos conjuntos documentais, bibliográficos e museológicos. Assim, de forma inexorável, houve a sistematização através das ações de higienização, inventário e catalogação dos conteúdos, segundo a nossa lógica organizativa através de arranjos e outras técnicas arquivísticas. O que mais chamou a minha atenção foi a real intenção – de cada um destes titulares – de se autoarquivar, como bem nos lembra Reinaldo Marques, outro ex-diretor do AEM:

Trata-se, primeiramente, de uma injunção social; os indivíduos arquivam suas vidas como cumprimento de um mandamento social: “arquivarás tua vida”. Tal mandamento reflete, sobretudo nas sociedades letradas, o poder da escrita sobre o cotidiano. Como lembra [Philippe] Artières, “para existir, é preciso inscrever-se: inscrever-se nos registros civis, nas fichas médicas, escolares, bancárias”. Daí a necessidade de zelarmos pela boa organização de nossas vidas, eliminando suas lacunas; de uma gestão diferente de nossos papéis, mantendo arquivos domésticos, lócus de uma escrita ordinária. Inescapável submissão ao controle gráfico, os arquivos nos proveem de recordações e lembranças, de um passado com que aprender, para melhor construir o futuro.

Inserem-se num espaço de normalidade, garantem-nos uma identidade (MARQUES, 2003, p. 146).

Assim, as coleções de arte sacra de Henriqueta Lisboa, as garrafas de Murilo Rubião, as revistas eróticas de Osvaldo França Júnior, os rolos de filme de Fernando Sabino, os troféus e medalhas de Sábato Magaldi ou as espadas de Abgar Renault ganham uma nova dimensão na economia daquele espaço: são ressignificados, já que agora são objetos museológicos que dialogam com o arquivo e com a biblioteca do seu antigo proprietário. Mas em tudo está subentendido o sintomático processo (e desejo) de se autoarquivar, de se automuseografar, de deixar à posteridade um registro material de si próprio<sup>7</sup>.

#### 4 Concluindo...

Após estes dois relatos sobre as minhas experiências de pesquisa e gestão em arquivos de escritores, fica claro que a investigação arquivística tem subvertido a lógica dos estudos literários brasileiros, nas últimas décadas.

Dentre as várias possíveis conclusões, é interessante presenciar um considerável retorno da crítica e da historiografia à figura pessoal do autor que, no silêncio e na solidão dos bastidores, ressurgem com suas marcas e idiossincrasias através de rabiscos, anotações, manuscritos, projetos, traçados, esquemas, enfim, as suas próprias marcas autorais.

Desta forma, somos levados a considerar a obra literária não mais como uma constituição fechada e sem diálogo, sem possibilidades de retoques e modificações que implicam, inexoravelmente, na sua interpretação. Tais encaminhamentos são possíveis através das pesquisas arquivísticas – plurais e interdisciplinares por natureza – que têm provocado o revigoramento sadio de uma parte considerável dos atuais estudos literários.

Na verdade, o que temos visto e praticado é uma espécie de crítica genética transversal, atravessada pelos mais diferentes saberes, revelando os outros lados da produção artística, em geral incompletos e inconclusos, numa espécie de *work in progress* da criação literária.

---

<sup>7</sup> Ainda a respeito do arquivamento de si, continua Reinaldo Marques: “A exigência da constituição de arquivos pessoais leva os indivíduos a desenvolverem práticas de arquivamento do eu. Para tanto, são acionadas práticas múltiplas de arquivamento: guardar papéis ou documentos em pastas, gavetas ou cofres; montar álbuns fotográficos; manter um diário ou, ainda, redigir uma autobiografia. São executadas diferentes operações intelectuais e manuais: analisar, selecionar, fazer triagem, manipular, omitir, sublinhar, rasurar, riscar, recortar etc. Nesses procedimentos importa salientar, a meu ver, tanto o gesto seletivo e classificatório quanto a intencionalidade por parte do indivíduo que constitui seu arquivo pessoal” (MARQUES, 2003, p. 146).

E confesso: permanece no meu imaginário um certo medo em relação aos atuais processos da escrita de literatura, em geral marcados pela virtualidade, pelo computador, pelos dispositivos de arquivamento digital, pelas memórias mecânicas, pela *internet* e suas ferramentas, enfim, por todo este universo virtualizado que não deixa rastros materiais, que apaga os traços manuscritos, que substitui a carta e a correspondência pelos mais modernos aplicativos de mensagens etc. Enfim, penso que estamos num apocalipse da ausência documental em relação à criação literária, pois não vemos mais um manuscrito, um datiloscrito, uma prova tipográfica de livro... não recebemos e não mais enviamos cartas... as fotografias são digitais e trocadas pelo celular... E assim, vamos perdendo uma considerável dimensão da nossa memória e da nossa passagem por este mundo e por suas letras.

### Referências

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos – Arquivos Pessoais*. Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998.

CARDOSO, Marília Rothier. *Reciclando o lixo literário: os arquivos de escritores*. *Palavra*, Rio de Janeiro, n. 7, p. 68-75, 2001.

CHARTIER, Roger. As práticas da escrita. In: ARIÈS, Philippe; CHARTIER, Roger (Orgs.). *História da vida privada: da renascença ao século das luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v.3. p. 113-161.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Trad. Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

HAY, Louis. A literatura sai dos arquivos. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Mello (orgs.). *Arquivos Literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

LOPEZ, Telê Ancona. Matrizes/marginália/manuscritos. In: CONGRESSO DA ABRALIC, 2., 1991, Belo Horizonte. *Anais [...]*. Belo Horizonte: ABRALIC, 1991. p. 434.

MARQUES, Reinaldo. *Arquivos Literários: teorias, histórias, desafios*. Belo Horizonte: UFMG, 2016.

MARQUES, Reinaldo. Arquivos literários, entre o público e o privado. *Lo que los archivos cuentan*, n. 3, 2014. Disponível em: [http://bibliotecadigital.bibna.gub.uy:8080/jspui/bitstream/123456789/50492/1/arquivos\\_literarios.pdf](http://bibliotecadigital.bibna.gub.uy:8080/jspui/bitstream/123456789/50492/1/arquivos_literarios.pdf). Acesso em: 31 ago. 2022.

MARQUES, Reinaldo. O arquivamento do escritor. *In*: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Mello (Orgs.). *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

MIRANDA, Wander Mello. Archivos e memória cultural. *In*: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Mello (Orgs.). *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

RODRIGUES, Leandro Garcia. Pensando a epistolografia. *In*: RODRIGUES, Leandro Garcia; MEDEIROS, Elen de. *Acervo dos escritores mineiros: memórias e histórias*. Belo Horizonte: FALE/LABED, 2019.

RODRIGUES, Leandro Garcia; MEDEIROS, Elen de. *Acervo dos escritores mineiros: memórias e histórias*. Belo Horizonte: FALE/LABED, 2019.

SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Mello (Orgs.). *Arquivos Literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.